



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

22 DE MARÇO DE 1958

Ano XV — N.º 366 — Preço 1\$00

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

Facetas de uma Vida

A Catequese na Colónia de Férias

A «Colónia de Férias» em Buarcos é a extensão do nosso noviciado, ali sem dúvida um pouco mais suave, mas sempre campo adequado à prova de cada um; mostrar o que somos, quanto valemos e o conceito que fazemos desta vida. Não há actos indiferentes no aperfeiçoamento espiritual do indivíduo. Nada se perde, como nas leis físicas. Tudo conta, tudo aumenta ou diminui o nosso valor moral.

Eu nunca havia estado numa colónia de férias, e, como as informações que me davam eram nada animadoras, fui para lá mais resignado do que contente. Ia convenientemente preparado para suportar tudo e todos, eu mesmo inclusivé, com coragem e espirito muito elevado, levando a vida das andorinhas, suspenso nos beirais das casas, ou então perder-me lá muito longe, aonde o céu pousa no mar, alheio a tudo que mui justificadamente supunha me havia de rodear. Esta foi a filosofia com que comprei uma segunda na estação nova para a Figueira.

O seguro morreu de velho, diz a nossa gente, mas eu cuido que desta vez me segurei de mais, pois que o semblante dos meus queridos companheiros pingava tanta alegria e mocidade; fui recebido com tamanha algazarra; achei-os tão descuidados e bem dispostos que formei logo o propósito de não viver nos telhados com as andorinhas, nem fugir para o mar com medo das supostas revoluções em terra, e entrei logo em franca convivência com eles. (Eu fui para a colónia oito dias depois dos meus companheiros.) Simpática decepção!!

Realmente a Colónia de Férias foi um verdadeiro sucesso, por qualquer lado que a encaremos. Foi simplesmente grandiosa. Foi uma benção do Senhor. Todos nós vivemos os segundos de todos os minutos, os minutos de todas as horas, as horas de todos os dias, e dias houve com mais de 24 horas! Um prodígio!

A sábia divisão do tempo não foi de maneira nenhuma o factor menos responsável pelo óptimo espírito da Colónia. Depois do magnífico arranjo da vivenda, a que presidiu seguramente muito cuidado, muito interesse, muito carinho e muita inteligência. A seguir temos o harmonium, as projecções, o kodak, a presença aturada do nosso querido Padre

Vice-Reitor; todos estes pequeninos nada produziram a harmonia geral e o bem da comunidade; mas o que eu quero destacar sobretudo é o grande acontecimento que foi a Catequese da Colónia.

Foram tantos os dias de festa para a garotada de Buarcos, quantos foram os da nossa estada ali. Vista muito aguçada, rudes como o mar, esperteza apanhada na malícia dos adultos, muita treta, alguns mesmo atrevidos e amigos de pregar a sua lã, cobertos de trapos de côr equívoca, lambida pelo tempo, sujos, descalços, tismados,— os gaiatos de Buarcos são como os gansos: vivem na água. Era da praia que eles vinham para ao pé da nossa casa, aos grupos, esperar a hora marcada de ir para a Igreja. Fora da porta era um berreiro de arraial minhoto. À maneira que iam saindo com as cadeiras dobradas debaixo do braço, eles aproximavam-se gritando: «Lá vem o meu» (este «meu» era o «Prior» que os ensinava), tiravam-nos as cadeiras e seguiam o cortejo aos saltos, em grande matizada, como os garotos nas procissões a segurar os papéis da música ou a saltar valados, em cata das ca-

Cont. na terc. pág.



—Alpes?— Não. É Santana, na Ilha da Madeira.

Património dos Pobres

O nosso silêncio de algumas semanas não significa paragem de movimento. Embora por causa do inverno, o trabalho de construção tenha afrouxado um pouco, nem por isso o movimento deixou de ser intenso.

A Obra do Património dos Pobres é de amor e o amor não admite barreiras, nem diminui de entusiasmo. Quanto mais se ama, mais se quer amar.

De há meses que não temos dado grandes giros, mas estamos em comunicação com os Párcos, que nos vão informando do atear do fogo nas suas freguesias.

Na cidade de Leiria fizeram mais uma entrega. Em Reguengo do Fetal começaram a primeira e não tem tido coragem de a acabar. É pena que um povo que se diz todo cristão, se deixe assim levar pelo individualismo! É pena!

No Bombarral estão mais 2 em acabamento. Na Lourinhã 2 do mesmo modo. Em Peniche estão com esperança de começar brevemente. Na Ereira fizeram a segunda. Cartaxo tem duas quase prontas e esperamos que o movimento continue. O Ribatejo dali é rico e tem obrigação de solucionar os seus problemas sociais. Alverca tem a primeira no fim.

Esperamos que Setúbal, Amora, Almada, Alhos Vedros, e Moita não perezam mais tempo. Agora é altura de arrancar. Vendas Novas tem andado sempre. Beringel começou há pouco e já vai na décima. Depois é justo que repouse algum tempo. Reguengos de Monsaraz deu mais um passo grande. A cidade da Guarda espera entregar as suas primeiras seis. Loriga anda a acabar mais algumas. Tomar não tem parado.

Em Coimbra muito se tem falado e muito se tem escrito e há muito dinheiro já em mãos, mas pouco se tem feito. Muito estudo e pouca acção. Vamos a ver se é agora que vai começar de vez!

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

Nós vamos ao Coliseu

Será na noite de 22 de Maio, se Deus quiser. Uns dias antes já aqui se não pára com os preparativos finais, que agora principiam.

Alguém de Lisboa ouviu o nosso pedido e temos piano. Sejaquim procura modinhas novas (nem que de velhas!) e ensaia a sua malta. O resto do programa é com o Daniel. Foi assim. Uma noite, em nossa reunião semanal, falou-se de como havia de ser a festa. Sugestões daqui, sugestões dacolá, mas nada ficou decidido. Pois na tarde seguinte, regressando eu de Beire, vim encontrar em cima da secretária este recado:

«Senhor Padre Carlos:
Pela minha maneira de ver, aqui está o programa como mais ou menos o Senhor Padre Carlos o deve conceber.

Pedia o favor de não estragar

isto, que é depois para «A Voz dos Novos».

Fico contente por dar algumas ideias e o Senhor Padre Carlos também.

Cumprimentos do
Borges».

Ora isto era nem mais nem menos do que o programa todo completo, com diálogos, indicação dos actores e tudo...

Se ele ficou contente, eu, então, que direi?! Eu, que andava a tremer com a falta de jeito mais de tempo, para conceber o programa?!

Ele disse-me «como mais ou menos o Snr. Padre Carlos o deve conceber»; e eu tomei o imperativo à letra: não é mais ou menos, mas tal qual.

Os senhores façam o favor de ter paciência, que são só mais 2 meses até aquela noite de 22 de Maio.

Uma Visita

De longe vinha a promessa dela. Pai Américo esperava o «Homem do Governo» que, nessa qualidade, descera ao Barredo e «ilhas» do Porto; esperava-o para lhe mostrar outra face, feita de vida e beleza, cuja existência mergulha suas raízes naqueles lugares de morte que S. Exia vira com seus olhos. O tempo não permitiu esse encontro.

Foi agora, em fim de um dia esgotante de vida ministerial, que o Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira veio até nós. Foi uma visita noturna a avolumar a dívida de outra, diurna, em que o Ministro possa ceder lugar ao Homem e o deixe conhecer melhor, para se alegrar, as maravilhas que Deus operou no mundo, por meio de um homem que creu nEle e tudo esperou nEle, por amor.

Materialmente, apenas, que fosse considerada, a Obra da Rua não é despicienda no panorama nacional das obras públicas. Há 15 anos, pelo menos, que mais de uma centena de famílias aqui tem seu pão. «Mas nós vamos mais longe». (É Pai Américo quem fala.) «Além da economia caseira do trabalhador, entramos também nos problemas da construção civil. Não são as grandes nascentes, mas sim o agueiro; este é que irrega e fertiliza. Há doze anos a esta parte (escrevia em 1954) que temos sido, somos e esperamos continuar a ser o fio ligeiro, silencioso e permanente. Não vamos aqui dizer que a industria nacional tem enriquecido. Isso não. Mas têmola ajudado a manter-se. Centenas de edifícios de pé! Não têm conta os contos! A nossa intenção é a mesma: ajudar. Não podemos descansar. Não podemos ter paz. Não podemos jamais ver o fim. Nós trabalhamos com o Infinito. Nas almas como nas terras, surribamos.»

Materialmente, apenas, que fosse considerada... — e já não seria despicienda a Obra da Rua! Mas, a verdade maior é que «trabalhamos com o Infinito»; que «nas almas, como nas terras, surribamos.»

Peça ao Ministro que deixe disponível o Homem por um dia e volte depressa Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira, para se alegrar.

Agora

Subjugado! É assim mesmo que eu hoje dou saída à procissão. Eu queria que este número fosse todo, e só, *Agora* — e sei que ninguém se causaria, de tantos e tão diversos testemunhos a dizer dos multiformes dons de Deus. Ó beleza! Ó riquezas do coração humano, quando ele não é, nem quer outra coisa que ser espelho do Coração divino!

«Junto com esta vai a prestação do mês de Janeiro. Com estes quinhentos escudos passo para além da casa dos mil e considero assim que assentei o primeiro *cunhal*».

Com a ajuda de Deus, principalmente com a Sua Misericórdia, a Casa de Nossa Senhora da Espectação, vai-se erguendo pedra a pedra. Mais uma vez lhe lembro e peço, Senhor Padre Carlos, que não sou ninguém e que esqueça um nome que o correio me obriga a escrever nos vales que lhe envio.

Quando puder dispor de algum breve tempo, peça a Deus por mim, mas sobretudo, pela muita miséria que aparece por estes sítios onde me encontro. O desemprego lança na miséria milhares de famílias. Eles chegam aqui em avalanches: rotos, sujos, esfomeados.

Que pede essa pobre gente? Trabalho, unicamente trabalho!

São homens válidos que podem e querem trabalhar, ganhar honradamente o seu pão e o dos filhos.

Quem os condena à miséria pela falta de trabalho? Quem vai responder perante Deus por esse atentado contra os legítimos direitos dos homens?

Será que tudo está feito? Que nada mais há a fazer e não são precisos mais braços?

Oh loucura dos homens! Deus se compadeça daqueles que sofrem a injustiça, mas muito maior tem de ser a Sua Misericórdia para os responsáveis por essa injustiça! São eles os mais desgraçados!

Não lhe tomo mais tempo, até ao próximo mês em que, com a ajuda de Deus, lhe enviarei nova prestação.

Quer leia, quer não leia as minhas cartas, permita-me que tenha sempre alguns desabafos que me fazem bem.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!».

Da mesma alma e para a mesma casa vieram 200\$ por Novembro e Dezembro passados. Padre Manuel António recebeu e juntou à margem: «Ó carta!»

Ela havia de ir também aqui toda inteirinha, mas ao menos este passo vai:

«Eu sei que não mereço, mas confio que Deus me conceda a graça de levar o meu intento (a construção da casa) até ao fim, em atenção aos méritos e necessidades da família que há-de albergar».

Anda o mundo preocupado com as reuniões em vários «níversal. Ó surs. homens!, olhem para aqui: «Eu sei que não mereço, mas confio... em atenção veis»; à procura da harmonia uni-

aos méritos e necessidades de família... que irá usufruir o bem que aquela alma faz, por graça de Deus, em quem confia, que não nos seus merecimentos.

E a procissão desfila, cheia de grandeza. Passam os das «casas a prestações». «Casa do Senhor dos Passos» a construir no Calvário, a seu tempo, é principiada com seis contos e meio. «Casa Belarte» levou nova pedra de mil e ficou em 9.500. Mais uma Maria Augusto com «esta pequenina lembrança» para a «Casa dos Carlos». «Faço votos para que os Carlos não se ponham a dormir...» Eu aceito os votos e reforço. «Casa Avé Maria» recebeu a terceira prestação. A M.a do Rosário «continua em New York, muito dedicada à Casa do Gaiato». O amor verdadeiro é assim: não sofre limitações de espaço nem de tempo. Mais mil para a «Casa Anunciação» e 18.ª prestação de 50\$ do assinante 6790. Tudo cá tem chegado. M. M. — A. L. chegou ao fim com o último duodécimo. Mas logo aparece quem substitua: É a casa «Avó Ema», hoje começada com 200\$, mas «espera não levar dois anos a completar os 12 contos». «Ema é a minha avó que tanto gostava de ajudar os Pobres!» Também eu assim tive uma, que Deus lá tem. Se tivesse algo de meu havia de fazer uma casinha com o nome dela!

«Lar de S. José» com mais 500\$: «Quando se inicia uma obra destas é difícil parar e assim cá estou presente e optimista por, dentro deste ano, ter esperanças de chegar ao fim». «Casa Luisa e Jorge» com os segundos mil e a M. Luisa, com os seus 100\$ mensais já chegou aos 1.800\$. Outros 100\$ para a «Casa do António e do Fernando» e 2.300\$ de total até agora. Ainda outros, do do Plano Decenal. E para a «Casa de Nossa Senhora de Lourdes», 100\$ do Colégio dos Orfãos e metade de Santa Cita e mais de Bragança 18\$50 arredondados para 20\$.

Façam favor de ver as Marias de Lourdes que o ano centenário das aparições a Santa Bernadette já principiou. Tal como os Carlos «as Lourdes não se ponham a dormir...»

Vamos agora ao sector das gentes de trabalho, se é que o não são também os que acabaram de passar... Casa Cândidinha e seu pessoal, mais 400\$ pela 15.ª vez. Pessoal dos C.T.T. de Coimbra, para a segunda casa mais 1.876\$70. E os colegas de Lisboa, do 2.º sector telegráfico, na Praça D. Luís, mais cinco contos.

Empregados do Banco Aliança 115\$. Os do Banco Espírito Santo em Guimarães 300\$ «ao iniciar o 7.º ano de actividades». Mais 1.810\$20 do Pessoal da HICA e 200\$ do Grémio de Panificação.

Vêm agora os diversos, alguns deles, caras conhecidas de todas as vezes. Assim: a Helena com 200\$ relativos a Fevereiro e dez vezes menos do do «tabaco a menos durante o mês findo».

650\$ não sei de quem nem

de onde. 240\$ de M. J. O. E mais uma pequenina pedra, comemorando o XXI aniversário de casamento. Que sejam noivos até ao fim! No Montepio, em Lisboa, 10 contos, e mais 1.050\$ e outros donativos pró Calvário. «Uma professora primária que não perdoaria a mim mesma deixar de colaborar em tão benemérita obra», apesar das «múltiplas necessidades que a vida nos impõe, as doenças, os encargos de família (o ordenado do professor é tão pequeno!)...» manda 50\$. Deus conhece «o esforço supremo de vontade e sacrifício» com que vem na procissão. Cem da R. da Alegria e promessa de voltar mais 11 vezes..., pelo menos — digo eu. O mesmo do Abílio, da Beira. Metade de Pera (Viseu). 470\$ da Rua Central de Francos e 900\$ da assinante 3613 e 50\$ da Regina e duas filhas e 300\$ de Maria Vicência com desejos de chegar aos 12 mil. Cá chegou o vale n.º 060060 e 408\$20 que «foi o produto do aumento do meu vencimento e embora sendo pouco, é no entanto uma presença que quer também sentir as belas obras que são o Património dos Pobres e o Calvário».

Até aqui eram nossas e daqueles que têm tido a alegria de colaborar; de hoje em diante, talvez abusivamente, também tenho a ideia que me pertencem as Obras que tanto admiro e exalto.

Fazem o favor de ler, parar e meditar, saboreando.

E a procissão vai chegando ao fim. Passam os derradeiros, os das casas completas. Uma de muito valor, *anónima*, *anónima* entregue por umas meninas no Lar de Coimbra.

A terceira casa «Uma Graça do Coração de Jesus». O casal, bom e agradecido, que assim tem marcado presença os últimos 3 anos, continua esperando que alguém levante a voz e responda ao pedido de um pedacito de terreno à beira das Estradas Porto—Lisboa, que logo virá outra casa, extraordinária, com o mesmo nome e a mesma intenção de louvor e acção de graças.

Do Porto, uma casa de Santo António, com simpáticos desejos de quem a oferece. De todos, somente a localização preferida, será muito difícil de satisfazer. No Montepio, em Lisboa, a «Casa Paulina» mais a casa «Correia Neves».

Aqui à porta, de uma família de Lisboa, muito simpática e amiga, a casa «Minha Mãe» e 60 contos para início das «Casas dos Farmacêuticos» a construir uma em cada província metropolitana.



Nem Alpes, nem Santana. Disto, não se diz o nome!

Aqui, LISBOA!

A perspectiva do mundo varia consoante o ponto de vista em que nós colocamos. O homem dos vales delicia-se com o panorama verdejante dos prados e o Céu emoldurado pelas encostas, enquanto o das montanhas disfruta vistas largas e rasgadas. Ambos são sinceros na sua apreciação subjectiva, mas, porque o ponto de mira é diferente, as coisas surgem de dimensões desiguais. Porém, quem mais elevado se

encontra melhor abarca o conjunto total.

Ora, nós colocamos aqui, há anos, a perspectiva do homem da rua, dos vales e das furnas. A sua visão não é mais acertada porque coartada pelas circunstâncias especiais do seu viver. Mas juntamos a do Evangelho, que não nos admite controvérsias, por ser a do Alto, para Quem não há segredos nem recônditos.

Desta vez, é um operário, dos que labutam pela vida, quem se acerca da nossa porta. Vem torturado: «Tenho os filhos magros e doentes». E a conversa vem dar à causa do mal. Acrescenta ele: «Queima-se tanta coisa que podia repartir-se e matar a fome!» Sim, a fome é a raiz de muitos males evitáveis. Este pai tem razão. O seu grito é uma exclamação de angústia a jorrar dum coração de pai trabalhador. É o coração a falar, que não a razão. Ele não sabe que os economistas deste mundo, para manter custos e evitar embaraços financeiros, exigem que se extingam o arroz, o milho, as batatas... Ele não pensa assim porque não sabe economia nem finanças! Vê somente os filhos magros e ouve o crepitar das chamas a devorar os víveres.

Ora, se Deus concede ao homem a capacidade técnica e industrial para melhor produtividade agrícola não podemos dizer que tal seja em vão. Por outro lado, se o direito de conservação é natural ao homem — cresci — este tem de olhar por si e por aqueles que são parcelas da sua carne.

Se aquela é hoje uma realidade indiscutível e este um presente sempre actual, diremos que a maior capacidade de produção deve ser posta ao serviço da pessoa humana, a menos que a agulha esteja mal feita nos carris da Providência.

No ponto de vista cristão a melhor economia é aquela que manda dar, que em consequência se auferem: «Dai e dar-se-vos-á». Portanto não vemos razão para se queimar aquilo que, uma vez extinto, não aproveita a ninguém, quando sem prejuízo podia beneficiar quem definha, adocece e apressa a morte. Ora, parece-nos que a luz do Evangelho pode esclarecer as leis que regem a economia e ensinar uma melhor partilha. Se há produção acumulada em excesso dum parte, e doutra, vivos deficientemente alimentados, concluímos que o fiel da balança não está centrado.

São por aí internatos, postos de assistência, choupanas e barracas à espera de quem assumam à porta com o pão para cada dia. Não se inutilize, pois, nada; reparta-se. Que mal faz... e que bem se tira!

Padre Baptista

Uma Carta

Ei-la, algures, de um Seminário:

«Deixe-me receber o seu abraço e a sua benção de joelhos. A Obra da Rua!

Sempre tenho fugido de lhe escrever directamente, não sei bem porquê, mas talvez com medo de lhe fazer perder tempo. Mas agora foi. Perdoe-me por isso.

Quero responder ao Relatório de 1957 o «Laus tibi, Christe». Não sei porquê, mas eu mesmo me sinto confundido com Aquilo que de Si Deus tem deixado ver na Obra da Rua. Por Ela, as nossas inteligências tão pequenas ao descrever o sobrenatural, podem contemplar a infinidade de Deus, na Sua Bondade, no Seu Amor. Também este zerinho apropria aqui o «nescio loqui».

Não sei ainda o que Deus quer de mim. Mas se não fosse a certeza de que Deus escolhe os fracos para a confusão dos poderosos, decerto deveria resistir a Deus, se Ele me quisesse pôr nesse santuário. O vazio da indignidade é também peso que faz pressão e, além disso, confunde!

Torne a perdoar-me e abençoe-me outra vez».

Léde e propagaí

« O GAIATO »

CALVÁRIO

O clima da caridade é a Cruz. Não há melhor. O sofrimento, entrando no mundo, de mãos dadas com o pecado é, pela Bondade divina, transformado em preço de resgate. É elemento de purificação. O pecado foi obra de um só. Mas todos pecaram em Adão. A Redenção foi superabundantemente operada por Um Só. Na Cruz. A aplicação dos frutos da Redenção exige de todos e cada um a participação na mesma Cruz. Solidários no pecado. Solidários no resgate. O sofrimento do homem encontra aqui a sua razão de ser: «Tenho de completar na minha carne o que falta à Paixão de Cristo». O sofrimento é uma realidade. A sua enxertia na Cruz nem sempre o é. Perde-se.

É sobejamente conhecida a inscrição: «stat crux dum mundus volvitur». A Cruz permaneceu sempre firme, de pé. Sinal de vitória. Sinal também de presença do sofrimento que pesa sobre a humanidade. Sofre-se muito! Há os chamados por profissão, a prolongar a imolação de Cristo. O sacerdócio! Pai Américo foi um escolhido. Porque sofreu muito, amou mais ainda. É que o sofrimento é uma lição sobre a necessidade da caridade.

O «Calvário» brotou da Cruz. É e continuará a ser campo propício ao florescimento da Caridade. Chegam até nós pedaços de alma a dizer isto mesmo: «Com a leitura do último número de «O Gaiato» muito aproveitei, muito, espiritualmente. Obrigou-me a meditar profundamente e a contribuir com o meu pequeno óbolo para essa obra a todos os títulos admirável aos olhos dos homens e mais ainda aos olhos de Deus, que é o Calvário. Bendita a hora em que Deus a fez brotar do coração do Padre Américo: Envio 500\$». Mais do que o dinheiro vale a Virtude que se esconde por detrás destas palavras e que as ditou.

Mais: «Sinto agora uma alegria nova, tenho por vezes desejos de gritar a todos a minha felicidade, para que dela compartilhem. Pareceu-me então que o melhor modo de agradecer a Deus a graça sem limites que me concedeu seria oferecer-lhe aquilo que destinava a um pequenino prazer meu. Por isso aqui estou a enviar para o Calvário». Do Porto com destino ao Calvário, 100\$, referente ao mês de Janeiro. Cinco vezes mais de Lourenço Marques. É costume. A mesma quantia de Coimbra. Duas vezes 40\$ da Figueira da Foz e do Porto. «Com vontade de muito mais envio 50\$ para o Calvário». Vem de Mangualde. Idem de Matozinhos. O dobro do Porto. A quota de Dezembro, 20\$. Roupas, toalhas e calças. Cem do assinante 24.173. Mais 50 e assinaturas pagas de Petrópolis. «Imploro a benção de Deus para os meus e peço-lhe que abraze as nossas almas em ca-

ridade—100\$». Cinco vezes menos do Sanatório do Caramulo. Contribuição de Janeiro. 100\$. Mais dedicação. Lisboa vem com outros cem. Da R. de S. Diniz, no Porto, metade. Outra vez o dobro, não sei de onde. Dez vezes mais da Foz do Douro. Do «Amiguinho do Gerez» 50\$. Camisolas de lã e uma joia «que representa o melhor valor da minha estima. É para o Calvário. Destino melhor não lhe podia dar. Tenho pena de não poder dar tudo o que o coração me pede». Sobras de assinaturas pagas. 100\$ de Lisboa para os Pobres e doentes do Calvário. «Para que Deus me perdoe os meus pecados e me ajude a subir o meu calvário». Um senhor muito nosso amigo a quem os negócios estão a correr bem, vem agradecido com 10.000\$. «Uma migalhinha das funcionárias do Liceu da Rainha Santa Isabel—155\$10». «Mando a minha mensalidade para os nossos doentinhos do Calvário—50\$. De um doente». O dobro de Lisboa. A mes-

ma quantia depois de pagar a assinatura do jornal. 20\$ de «ninguém». Pedindo saúde para os seus e coragem para levar a sua cruz, 200\$, do Luso. Metade do Porto, «pela saúde de meu marido». Sobras do pagamento do livro «Doutrina». Mais sobras de «O Gaiato». Duzentos «para a compra de medicamentos para atenuar as dores daqueles que tanto sofrem». A quarta parte do assinante 17.740. «Amando os homens por amor de Deus»—100\$, referente ao mês de Janeiro. Mais da Foz do Douro no Espelho da Moda. Um lençol e almofada, «peça de roupa de que me desprendo com algum sacrifício». Fronha de linho e retalhos de cotim. Mil deixados no Lar de Lisboa «por alma de meu pai». Com o mesmo fim, vinte do Porto. 100\$ no Espelho da Moda. Metade de Maceira de Lis. «É pouquinho mas de todo o coração». Outra vez ainda para ser aplicado num canceroso do Calvário. O assinante 23.387 acrescentou 50\$. Com pena de não poder dar mais, A. D. A. manda 1.000\$ para os Pobres do Calvário. De uma doente para os doentes, vinte. E mais dez do assinante 555.

Padre Manuel António

SETUBAL

O Problema Social põe-se-nos hoje, como nunca, com uma agudeza assustadora.

Quando volto dos Pobres, a impressão que me domina é de mágoa. Mágoa que rebenta, não tanto do número de miseráveis que avisto ou do desnível das classes mas da insensibilidade de tanta gente que não houve o nosso clamar, vive alheia ao mundo que a cerca, obsecada pelas suas ideias, dominada pelo que lhe pertence e pela paixão de grandes lucros. O que me apavora é o engano, o erro que orienta inteligências e impera vontades. Não é que a propriedade privada se me apresente ilegítima, ou não reconheça no homem o direito de possuir. Não é. É o absolutismo com que as vontades se apoderam de bens que lhes pertencem, apenas porque o senhor absoluto desses bens assim o quis. Não reparam no seu irmão, e levando, até, por vezes, o olhar para o Céu à procura do Deus que afirmou ficar no mais pequenino dos homens, mora à sua beira, debaixo das suas casas, encostado à ombreira do portal dos seus palácios, trabalha nas suas fábricas ou oficinas, vagueia nas ruas sem rumo ou se contorçe de dores em catres que são calvários!... É o homem não ouve tantos gemidos, não vibra com o sofrimento porque o ensurdece e insensibiliza a paixão de possuir.

Como é bom não ter nada! Sentir a liberdade dos filhos de Deus! Poder rezar: — que até o vestido com que nos cobrimos Senhor, foste vós que no-lo deste. Não ter nada, nem

individual nem colectivamente! Mas o homem não vê, não acredita e é isto que me atormenta.

Para todos os tempos, o Senhor, na ocasião em que passava, deixou este luzeiro: — «havia um certo homem rico, que se vestia de púrpura e linho fino e se banqueteara to-

Cont. na 4.ª página

Chales de Ordins

São várias as dores que prova quem, de olhos em Deus, se dá aos Pobres. E tão grandes que, por vezes, o desânimo nos espreita. Dores causadas pelos Pobres e por quem podia e devia ajudar-nos nesta cruzada de amor. Só procuraremos remediar as dores alheias, quando as fizermos nossas pelo amor fraterno. Mas, quando amamos e não podemos resolver os problemas que nos torturam, a nossa dor torna-se cruciante. Atinge, porém, o auge, quando o Pobre, por tanto ter descido, já se vê, nem sente a miséria em que vive e não colabora connosco na sua elevação e salvação.

Queríamos também poder contar com os Pobres, a quem demos a mão na ajuda ao irmão mais pobre. Por gratidão por quem os salvou e por gratidão por quem desceu mais fundo socialmente, parece se deveriam congregar, em redor do vicentino, servo dos Pobres, quando este pede a sua ajuda no salvamento dos outros. Mas constatamos, com tristeza, que há Pobres egoístas e ingratos. Ora isto torna inconsolável a nossa dor.

Pesam ainda sobre a nossa cruz de visitantes de Pobres os «piedosos», os «inteligentes», os «escandalizados», os «críticos», em suma, todos aqueles que, nunca tendo feito nada, nem sendo capazes de nada pelo Próximo que sofre, a nosso lado, se arrogam, contudo, o direito e, não sei se até, o dever de emitir a sua opinião «inteligente», desacreditando a nossa acção. Temos de distribuir as esmolas, segundo a vontade destes senhores críticos, que, por vezes, avaramente nos dão, apenas, uns míseros escudos, na roda do ano.

De algures, uma vicentina vem por chales e abre sua alma cheia de dor. Vejamos. «Avalio muito quanto deve sofrer. Deus o aju-

de. Às vezes sinto vontade de consultá-lo em tantas dificuldades vicentinas que tenho, mas... é tão longe!

Diga-me que se há-de fazer a um homem que tem 11 filhos, é vadio, e, quando ganha, não dá para casa. A família passa muita fome, vivem como bichos sem moral, sem arranjo, etc. Ele várias vezes tem tido empregos bons, mas por não ter sujeição, fica sem emprego. O pior é que todas as pessoas revoltam-se, se esta família recebe esmolas, pois é favorecer malandros, etc. etc. Eles não têm casa, mas se pedir uma casa para eles é como que uma blasfémia. Todo o meu gosto era ajudar esta família que não tem culpa da loucura do pai, mas não me atrevo, porque conto com a revolta, até mesmo de almas bem formadas. Incomoda-me saber que há tantas famílias com fome e por causa dos maridos não podem ser beneficiadas. Este povo não ampara a conferência. Dizem que é por causa dela que eles são vadios».

Eis uma vicentina com a alma em sangue, incompreendida, «até mesmo de almas bem formadas». Sim, porque estas almas são, antes, deformadas. A verdadeira piedade anda longe delas. E crêem-se «bem formadas»... As conferências são para os Pobres. E não será pobre este casal de 11 filhos, sem casa, passando fome e miséria («vivem como bichos»)? Que culpa tem a família da anormalidade do seu chefe? Será de cristãos abandonar estes irmãos? Porque foram abandonados, «até mesmo de almas bem formadas», desceram. Já «vivem como bichos». Não podem descer mais. Amanhã vê-los-emos nos prostíbulo, nas tabernas, nas cadeias e teremos co-

Continua na 4.ª página

Facetas de uma Vida

A Catequese na «Colónia de Férias»

Cont. da 1.ª página

nas dos foguetes. Uma vez na Igreja, formavam-se tantos grupos quantos eram os «senhores priores» e começava a instrução a duas centenas aproximadamente de crianças dos dois sexos.

Como sempre e em toda a parte, havia os que aprendiam com mais ou menos facilidade e os que estavam com maior ou menor atenção. Tinham já, alguns deles, seus conhecimentos adquiridos. Assim é que um disse-me que os nosso próximo eram os nossos vizinhos; que a gente depois de comungar não torna a pecar mais; que a missa era a Igreja; que os padrinhos serviam para dar o foliar, etc. Outros tinham também a sua terminologia regional, aliás muito justificada: «rogai por nós pescadores» e «morreu sob o poder de cônio pilado», diziam.

Acabada a hora da catequese, começava a devoção da tarde, a que assistiam em regra, algumas centenas de adultos, e, se adrega-

va serem os cânticos conhecidos do povo, era lindo ver o entusiasmo de todos, numa harmonia muito sofrível. E seguiam-se agora as projecções, em casa, na sala fundeira, com as respectivas explicações dos quadros. Que conjusão! Que trabalhos para conter o povo! A garotada, sempre na vanguarda, às arrancadas à porta, só obedecia ao sarrafo que cantava na cabeça dos mais apressados!

A explicação era feita por um dos colonos de preparatórios, o que era para alguns tarefa de não pouca monta. Um deles disse até que preferia fazer exame de ciências e latim VI a ter de falar às multidões!! Um outro houve de se deitar imediatamente a seguir à função, esvaído pelo gasto de palavras e esforço em dizê-las.

Foi assim a catequese na Colónia de Férias. Novidade para a gente da terra, sensação agradá-

vel para nós, valor moral para todos. Certamente nem tudo se aproveitou, mas alguma coisa ficará da nossa sementeira, tanto da parte do sementeiro como do terreno que recebia a semente.

Uma vez, já lá vão tantos anos, um manco rico, formoso, inteligente, contava-me um transe difícil da sua vida e dizia-me em soluços: «Se ao menos soubesse rezar o Padre Nosso!!» e sofria cruelmente, o angustiado manco. Quem sabe, — dizia eu com os meus botões — se alguns destes pequeninos que tenho diante de mim se verão em semelhantes apertos no caminho da vida... e punha um particular cuidado e subido interesse na maneira como lhes ensinava o Padre Nosso.

FREI JUNIPERO

«LUME NOVO—N.º 4 (número especial da «Colónia de Férias» de Buarcos em 1927).

PELAS CASAS DO GAIATO

SETUBAL

Cont. da página TRÊS

LAR DO PORTO

— Passo a dar-vos as breves notícias deste Lar, tal como as dava antes o João Luciano. Este deixou-nos há dias. Era um dos mais velhos que cá se encontravam. Deixou o colo da Mãe. Terá que lutar com o que se lhe deparar na vida. Todos esperamos que nos saiba dar exemplo.

Muitas vezes, no conforto e na des-preocupação em que vivemos, esquecemos o dia em que teremos de enfrentar a vida. O Lar é o último treino; depois temos o encontro. Se a orientação e doutrina que nos é ministrada, for aceite e seguida, podemos ir convictos de que Deus não nos abandonará e portanto será nossa a vitória.

A ti, João, que todos estimamos, os nossos ardentes desejos de irmãos que triunfes na vida.

— O nosso Lar continua sendo na Rua de D. João IV, 682. Portanto todos podem saber onde ele fica.

Se alguma coisa quiserem de nós... façam como os Senhores Eduardo Pereira Pinto e Filhos que nos enviaram uma caminheta de lenha. Muitos agradecimentos a estes senhores. Se outros quiserem sentir o prazer que outros experimentarão temos para eles o mesmo sincero agradecimento.

— Isto não é bem pedir medicamentos. É simplesmente dizer que temos cá um cão e dois gatos que dão mais que falar que os Sputniks e alguns já sentiram o bip... bip... dos dentes do cão. Eu fui um dos que já me senti na lua por me meter com ele. Também não é pedir nada. Simplesmente dar notícias deste Lar.

José Gomes

— CONFERÊNCIA. Há dias fui dar a habitual volta pelos nossos irmãos Pobres. Ao fim de ter entrado em vários tugúrios, dispunha-me a entrar num outro, quando reparei, que já estava desabitado, porque havia aliado um andar da dita casa, onde morava quem eu procurava. Encontrei a pobre mulher cá fora, a qual me contou o sucedido. Chamei-lhe à dita, casa, quero definir: aliou por cima da sua toca, pois é a melhor definição que se pode dar a um corredor com 4x2m aproximadamente, sem uma frincha por onde entrasse a luz solar.

Podíamos mencionar o nome de tais senhorios, pois temos recibos deles, para se envergonharem das suas atitudes, mas este jornal não é para tais coisas. Apenas lastimamos que haja quem aponte os defeitos do Pobre, sem que primeiro reparem nos deles, que em geral são mais graves.

Não sejamos de duas caras: «Por Cristo, ou contra Eles».

— No dia 4 do corrente efectuou-se mais um casamento de um dos nossos Pobres. Levou o seu tempo a pô-los no bom caminho, mas graças a Deus tudo se conseguiu.

— Recebemos vários donativos que mencionamos, sendo alguns respeitantes ao mês passado. De uma nova componente da campanha «Tenha o seu Pobre», várias peças de roupa, as quais já foram distribuídas ao seu socorrido. Ainda a campanha recebeu do Senhor Cruz, duas parcelas de 150\$00. Senhor Francisco de Vasconcelos 200\$. Anónima 7 de Maio, 40\$. Maria Noémia, 100\$. Anónimo 50 e mais 70. Outros donativos: Uma amiguinha 20\$, com um pouco de sacrifício de Alice S. D., 5\$, anónima, 20\$, de Julieta do Carmo 70\$ juntamente com outros donativos. Na segunda ordem seguem o Govern. Civil com 500\$, anónimo, 20, do Porto chegaram até nós 20, mais 20\$, mais 50\$. Uma portuense desconhecida envia-nos 60\$, após esta, uma anónima, com 50\$, mais 50 e cem. Para finalizar, dos nossos subscritores amealhámos 668\$50. E até à próxima se Deus permitir.

Fernando Dias

BEIRE

— Nós queríamos ter aqui abelhas para nos dar mel que é uma delícia, para nós e para os nossos Pobres. Já plantei uma sebe de alecrim, pertinho do sítio onde elas hão-de ficar. Deram para Paço de Sousa muitas. E porque não hão-de dar para Beire? O Manuel

Coco que é o homem das abelhas de Paço de Sousa, mandou-nos pedir aos senhores. Aqui estou a fazer o que ele disse. Não deixem ficar mal o Manuel, não? E aqui é muito frio. São os doentes e os Pobres de fora.

— Já temos recebido algumas visitas aos domingos. Cada vez será mais. Beire vai tirar a vez a Paço de Sousa porque de dia para dia está mais bela.

— Fomos aos viveiros de Castromil buscar muitas árvores de fruto, porque não queremos sentir a falta de maçãs, peras, laranjas, etc. Embelezam a quinta e fazem bem à saúde. Se os senhores tiverem por aí mais fruteiras, agradecemos. Eu mais o Senhor Avellino somos os plantadores.

O Carlos, que anda a tirar o curso de podador, vem dar-nos instruções. Já podou os pessegueiros do ano passado e vai tratar estas a valer!

— Fiz a minha operação à garganta no Hospital de Paredes. Valeu-me um grande susto mas passou. Um dia de fome e agora estes dias a papas à sociedade com o Zé das Botinhas que como eu disse na crónica passada foi operado ao estômago. Cada qual o mais esfomeado e o Zé já sofreu dois grandes sustos. «Ai, ai, ai o meu estômago». Não comesses demais. Não sabes que não podes comer de mais seu tártaro?! E tem de se racionar. Ele enche os ares com cantigas, mas eu ainda não posso, que a garganta não me deixa. Não desanimamos.

— Morreram os perús, mas já temos mais quinze, mais ovos a chocar e se os senhores quiserem, esperamos que alguém nos ofereça ovos de pata, gansos e parreços.

Não se esqueçam que é Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

Zéquita

PAÇO DE SOUSA

— Não passou despercebido o aniversário natalício e da coroação do Santo Padre. Agora mais do que nunca, que a Igreja está de luto pela grave injustiça que contra ela foi feita na pessoa de Mons. Fiorelli, Bispo de Prato, Itália, condenado pelo tribunal, por exercer as suas funções de Bispo e de Pai.

Por estas intenções, reuniu toda a família em redor do Altar do Sacrifício para que Luz seja feita no meio da obscuridade humana.

— Os ecos do Coliseu, já andam de boca em boca. Por todos os lados. Visto de todos os ângulos. Fazem-se comentários mais ou menos a propósito e os dias continuam a passar. Tenham também paciência estimados leitores. Já faltou mais para este tão apreciado espectáculo. Em tom natural, deixando transparecer toda a sua simplicidade que é a beleza das Casas e seus habitantes. Já aqui começa a ser adivinhada e vivida. O Porto virá para a rua. Esquecerá por momentos as contrariedades da vida e vai viver um pouco de espiritual. Procurar um pouco de amor junto dos seus filhos que são todos os gaiatos. Vai abrir seu peito e deixar falar o seu coração tão bondoso e ávido de coisas grandes. Não vai faltar ninguém. Venham os nossos amigos. Venham os nossos inimigos e todos nos vamos unir, pois a todos pertencemos pela paternidade de Deus. O Coliseu do Porto vai vestir de gala para receber os escorraçados de ontem e as meninas dos seus olhos de hoje. Do palco, queremos ver as vossas caras risonhas e amigas!

— Televisão! Televisão! Televisão! É um dos assuntos mais importantes da Aldeia dos Rapazes de Paço de Sousa. Ela para aqui, mais para ali. Para trás e para a frente. Mas o certo é que ainda não temos nenhum aparelho. Será que os ilustres leitores nos queiram deixar ficar mal? Não nos acreditamos!...

Lá se vão fiando que o vizinho já mandou e nós a perder com o «negócio». Não se fie no vizinho. Mande também que as Casas do Gaiato são muitas e todas pertencem ao mesmo. Não há azar no repartir. O que nós queremos é ele! Não há cócegas!... Quem é o primeiro senhor a fazer-se forte? Quem? Quem chegará primeiro. Lisboa, Porto, ou outra cidade à sorte? Não sei, mas há-de vir de algum lado e de qualquer maneira.

...E viva o Senhor que nos vai mandar o aparelho de Televisão!...

— Outro e este ainda mais importante, é o gravador. Se calhar os senhores não repararam bem no jornal por vir em caracteres pequenos, mas quem é persistente sempre vence. É uma coisa que nos faz muita, muita e muita falta. Ainda agora vamos ao Coliseu e não podemos gravar por nossa conta! Ai os senhores que estão dispostos a verem a malta afinada!...

Estou a falar com quem não quer a coisa, de mansinho, a ver se entro em vossas casas sem darem conta. Se não tenho jeito, a culpa não é minha. Quem será o feliz que nos vai tornar felizes?

— Entre pequenitos, quando da visita do Ministro das Obras Públicas, Sr. Engenheiro Arantes e Oliveira:

— Parece que vem cá o Senhor Bispo?

— Não. O ministro.

— Ah. Eu conheço. É alto e magro.

— Está loupa. Não é assim.

— Então eu já o vi a falar com a Senhora D. Sofia.

— Viste nada! Não era ele. Era outro!

— Julgas que sabes mais do que eu? Ele até trazia chapéu!

— O Cândido Pereira anda muito animado. Está noivo da Ana. E a malta começa a entrar com ele. Diz que vai ter a felicidade, referindo-se ao seu casamento. Não há dúvida que isto é lindo. Cândido era um dos muitos abandonados dos Guindais. Hoje tem a sua noiva e não temos a mais pequenina dúvida que vai ser um lar feliz. Ele é todo um alegre. A esta ale-

dos os dias com esplendor. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia deitado à porta do rico, coberto de úlceras e desejava comer as migalhas, que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhas dava, vindo os cães lambe-lhe as chagas! Aconteceu porém, que morreu o Pobre, sendo levado pelos Anjos para o seio de Abraão e morreu também o rico que foi sepultado no inferno!...

Apesar deste ensinamento de há dois mil anos, ainda hoje, são muitos os que se banqueteiam, todos os dias, esplêndidamente, trajam com requintes de luxo, conhecem os pontos turísticos mais afamados e porque dão umas esmolas valiosas julgam-se escusados de dar na medida em que Deus lhes dá.

A Caridade tem deveres que são tanto mais graves quanto mais elevado é o potencial de cada indivíduo. O homem não acredita e, porque assim é, as chagas de numerosos Lázaros são lambidas pelos cães e ele sepultado no inferno. Daí a minha mágoa!

O Pobre que se angustia com a vida, sente melhor o peso da miséria nos outros. Quantos aumentos de ordenados vêm cair em nossas mãos! Quantos «dou o que posso com desejo

de dar mais!»! Quanta heroidade solidária entre os que a penúria domina!

Soube, há dias, que um grupo de meia centena de homens que trabalha de sol a sol numa herdade com o salário de 17 escudos diários se vai cotizar para mandar à Casa do Gaiato o seu contributo. Oh óbulo bendito, fruto de tanto sangue! Assim a Obra da Rua lança raízes fundas, os seus alicerces são cada vez mais fortalecidos! Mais me contaram também que uma das Pobres mais frequentadoras da nossa porta dera à luz duas crianças.

— Então como tem conseguido viver e alimentar seus filhinhos?

— Com a ajuda das vizinhas.

Ora eu dou testemunho que as vizinhas têm o trabalho das suas mãos, rude, duro, e, em geral, mal pago. «Trabalho de dia para comer à noite».

O Pobre vive e vibra. Não deixa que os cães lambam as chagas dos seus irmãos. E é mais livre! Não o prende a força da riqueza e ambição do lucro. O seu heroísmo e dedicação irmana-se, tantas vezes, com a santidade! Por isso, cada vez amo mais a Pobreza e, consequentemente, os Pobres!

Padre Acílio

Chales de Ordins

Cont. da página Três

ragem para lhes atirmos a nossa pedra. Mas, um dia, clamarão vingança contra nós, no Tribunal Divino!... A vicentina, fechando os ouvidos aos ditos dos críticos, deve aparecer, quanto antes, a dulcificar a cruz da pobre esposa, ajudando-a a educar e lançar na vida os filhos. Antes um vadio, que treze! Irá tomando contacto com o pai e, a ajudada pela oração, produzirá, pouco a pouco, a sua palavra, com certeza, algum fruto. Pelo menos, ela cumpriu o seu dever e jamais ouvirá aquela censura de reprovação: «Também tu me abandonaste!» Temos de concordar que a educação de um adulto é trabalho lento, mas não é perdido o nosso esforço.

O ambiente é responsável por muita degradação. Eles não têm casa. E se lhes dessem uma do «Património»? Uma casa linda, às vezes, faz milagres. Acorda responsabilidades em almas adormecidas. É ocasião para poderem pregar e sermos melhor ouvidos. Experimente e verá.

Concluindo: as decisões numa conferência devem ser tomadas pelas respectivas vicentinas. E nunca pelos subscritores. Estes colaboram com suas esmolas, sem poder pôr condições quanto à acção vicentina. Se não concordarem, prescindir-se-á, a bem da conferência e dos Pobres, do seu auxílio. Só assim se poderá praticar a Caridade.

Desde o Natal até agora, não registei aqui as encomendas dos chales. Tenho, pois, uma montanha da correspondência, vinda do Continente, Ilhas e Ultramar.

Não obstante, as nossas tecedeiras estão paradas, desde o início do ano. Há ainda em armazem mais de uma centena de chales. A Páscoa está aí a chegar. Esperam-se, por isso, os vossos pedidos. Ordins acaba de ser convidada para se apresentar numa exposição internacional, com os seus bons, bonitos e baratos chales. Vamos a ver se trazemos de lá mais um pouco de pão para esta pobre gente. Que o Senhor nos ajude!

— Os da Tipografia têm entrado muito com o «Se Júlio». E ele tem sido um alegre. Ele só afina quando lhe dizem que o F. Clube das Cava-das não presta para nada. Tem sido um fartote de rir. Outros dizem que ele de casa vê o futebol de borla no Cão Branco!...

Mas chega-se ao fim e as contas dão sempre certas. Continuamos a ser os do princípio e o Se Júlio também. Bota pró cesto!

Daniel

Padre Aires